

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Crazy scenes': The violence assemblages of masculine youths involved with drugs in the city of Ponta Grossa, Paraná

Fernando Bertani Gomes

Universidade Estadual de Ponta Grossa
ferbg28@gmail.com

Joseli Maria Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa
joseli.genero@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar a relação entre as práticas violentas e as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino, moradores de áreas periféricas pobres e com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Para tanto, foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas onde foi possível estipular as espacialidades da rua, da vila, da casa, do mocó e do tráfico, dando inteligibilidade às inter-relações presentes na vivência espacial desses sujeitos. Os jovens do sexo masculino compõem suas performances de masculinidade agenciadas aos dispositivos econômicos da territorialidade do tráfico de drogas e às redes de amizade. Através dessas intersecções espaciais, atos violentos figuram uma coesão identitária e se apresentam como uma prática de poder e governo de sobrevivência.

Palavras-chave: Espaço; Masculinidade; Idade; Jovem; Violência.

Abstract

This article aims to analyze the relation between violent practices and spatialities experienced by masculine youths that live in poor peripheral areas and are involved with drugs in the city of Ponta Grossa, Paraná. For this, it were analyzed 6 semi-structured interviews and it was possible to stipulate the spatialities of street, village, home, hideout and traffic, providing intelligibility to inter-relations present in the spatial living of those individuals. The masculine youths make their masculinity performances linked to economic dispositives of drug traffic territoriality and to network friendship. Through these spatial intersections, violent acts figure an identity cohesion and are presented as a power practice and survival government.

Keywords: Space; Masculinity; Age; Youth; Violence.



Introdução

A pesquisa tem como objetivo compreender a relação das práticas de violências e as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino, envolvidos com as drogas e moradores de vilas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Esse perfil de subjetividade se posiciona vulnerável a praticar ou ser vítimas de atos violentos, como a morte por homicídio. Segundo Gomes (2013), os sujeitos mais vitimados nos casos de homicídios residem em localizações específicas da cidade, compõem laços e conflitos no lugar em que convivem e instituem formas de subjetividade violentas através das suas práticas espaciais.

É a partir da 'aproximação' espacial dos assassinatos que esse perfil de sujeito vive próximo ou vulnerável a morrer assassinado. Contudo, é imprescindível lembrar que essa 'aproximação' espacial não se refere à localização da efetuação do crime – homicídio, como se uma pessoa estivesse 'vulnerável' a morrer assassinada somente por residir em uma zona violenta de uma cidade. Retomando Massey (2008), essa proximidade acontece em ação, através de práticas espaciais, referindo-se a uma espacialidade sempre por fazer, aberta aos agenciamentos locais e eventuais.

O perfil elaborado das vítimas de homicídio em Ponta Grossa refere-se a uma 'forma de subjetividade' que reside em diferentes locais do espaço urbano, mas que possui similaridade quanto às 'performances' de masculinidade, participantes de um mesmo grupo de renda e reprodutores da espacialidade da droga. Utilizar a expressão 'espacialidade da droga' não nomeia o simples fato de ser um usuário de um tipo de entorpecente, mas participar da rede, em muitas situações violentas, de sociabilidade e de mercado de entorpecentes ilegais, presentes em grupos de baixa renda e nas

áreas urbanas onde habitam.

Um arranjo local constitui um agente ativo na realização e na qualificação de ações sociais, esse arranjo possui uma coesão que se constitui como fundamento da interpretação geográfica dos fenômenos (GOMES, 2012). Dessa forma foram realizadas 6 entrevistas com jovens que atendiam ao perfil de subjetividade vitimado por mortes violentas, onde através da análise de conteúdo dos entrevistados foram categorizadas as espacialidades centrais dando inteligibilidade às práticas espaciais que os aproximam de atos violentos.

Jovens do sexo masculino, espaço e vulnerabilidade a morte violenta

Ao estabelecer uma ordem espacial da relação entre um tipo de sujeito e um tipo de morte, a lógica ou a coerência espacial se faz mediante uma multiplicidade de inter-relações sempre por-fazer (MASSEY, 2008). Através dos acordos e conflitos praticados cotidianamente um sujeito compõe uma relação com determinado tipo de fenômeno, exposto a eventualidade de encontros e desencontros, assim como Massey (2008) propõe em seu argumento sobre lugar como eventualidade.

A pesquisa teve como referencial empírico a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro vinculada a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Esta representa a única entidade que recebe adolescentes dependentes químicos para o tratamento na cidade. A Comunidade foi administrada até o mês de junho de 2012 pelo Esquadrão *Teen* que é um segmento ministerial da Igreja Cristã Presbiteriana da cidade¹.

O local funciona como uma casa de recuperação de adolescentes do sexo masculino, obrigatoriamente menores de 18 anos, dependentes químicos. Para completar o tratamento os meninos atendidos pela

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Comunidade necessitam permanecer 8 meses internados, tendo muitos casos de fuga antes desse período, visto que a Comunidade funciona em regime aberto. A entidade recebe adolescentes em cumprimento de medidas judiciais mediante a Vara da Infância e da Juventude de Ponta Grossa e do Conselho Tutelar bem como demandas solicitadas diretamente pela população. De acordo com o levantamento realizado por Rocha (2013), 75% do total de adolescentes que passaram pela casa tem de 15 a 18 anos e a maioria dos adolescentes são moradores de vilas periféricas pobres da cidade, acrescentando que não fora registrado nenhum residente na área central da cidade.

Através desse ambiente institucional de tratamento de dependência química foi possível acessar o perfil apresentado dos sujeitos mais vitimados nos casos de homicídio e, conseqüentemente, elaborar as entrevistas que serviram de base para a análise das espacialidades vivenciadas pelos jovens² vitimados por homicídio e a composição da sua vulnerabilidade à práticas de violência, considerando ameaças, agressões e autorias de assassinatos.

A idade é um conceito que primariamente se aproxima de aspectos biológicos. No entanto, a experiência dos períodos da vida está sujeito às singularidades de diferentes contextos histórico-culturais. O geógrafo Peter Hopkins (2011) lembra que a idade é uma categoria socialmente construída, portanto, a questão do espaço torna-se muito importante, “pois as pessoas terão diferentes experiências e acessos aos lugares em razão de sua idade, e os lugares que são associados a determinados grupos e idade influenciarão quem os utiliza” (HOPKINS, 2011, p. 197).

Especificamente sobre a juventude, Skelton e Valentine (1998 *apud* HOPKINS, 2011) afirmam que apenas no fim dos anos 90 as geografias da juventude se estabeleceram como um importante subcampo da ciência

geográfica. Esse período fluído de transição entre a infância e a fase adulta é muito bem trabalhado por Valentine (2003). A autora traz inúmeras pesquisas da área da Geografia que interseccionam o conceito de juventude com trabalho, delinquência, masculinidade, vulnerabilidade, família, escola, etc. Chamando a atenção para o fato de que a juventude é um período ambíguo de transição fluída entre a infância e a fase adulta, Valentine (2003) finaliza seu artigo ressaltando que além dos exemplos trazidos por ela, que se concentram na realidade europeia, é preciso pesquisar outras formas de juventude em outras culturas e sociedades, levando em conta que o período entre os 16 e 25 anos de idade é uma faixa etária pouco estudada pela Geografia, como considera a autora.

Trabalhos como de Valentine (2003) e Hopkins (2011) convidam para que análises sobre jovens sejam elaboradas tomando em conta outras identidades sociais, como gênero, classe e raça, assim como bem elaborou McDowell (2003), em sua análise sobre masculinidade de jovens da classe trabalhadora.

É por meio da intersecção de diferentes identidades sociais que diferentes formas de subjetividade são compostas. A idade torna-se mais um elemento identitário no processo constante de constituição dos sujeitos, no qual, não são nunca ‘constituídos’ de uma vez por todas, mas se comportam de maneira relacional com as diferentes espacialidades vivenciadas. Sobretudo, reposicionando, eventualmente, o arranjo entre as identidades sociais, de acordo com as relações de poder que afetam a expressão de si de um indivíduo num determinado lugar.

Um sujeito vivencia múltiplas dimensões e espacialidades, posicionando-se diferentemente nas relações de poder, de acordo com as marcas que esse corpo carrega e suas intersecções identitárias (ROSE,

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

1993), de maneira que esse sujeito se expressa apenas na inter-relação, não como uma essência, nem como um eu unitário, mas sempre a construir-se, num devir (MASSEY, 2008). Dessa forma, aspectos da idade serão trabalhados no encontro com outros elementos sociais presentes no cotidiano do grupo de jovens do sexo masculino em tratamento do crack. Depois de alguns meses de aproximação com os meninos, foram realizadas 6 entrevistas semiestruturadas, como visto na tabela abaixo:

Tabela 1 – Entrevistas Realizadas³.

Nome Fictício ⁴	Idade	Local de moradia	Escolaridade	Drogas Usadas
Polaco Bala <i>Entrevista concedida ao autor no dia 28 de junho de 2012</i>	16	Jardim Aroeira	6º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína.</i>
Palhaço Zóio <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	16	Santa Mônica	8º ens. fund.	<i>crack; maconha; cocaína.</i>
Bola Magrão <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	15	Ouro Verde	7º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína.</i>
Severino Espiado <i>Entrevista concedida ao autor no dia 3 de junho de 2012</i>	15	Leila Maria	6º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack; cocaína; oxi.</i>
Ribeiro Loco <i>Entrevista concedida ao autor no dia 5 de maio de 2012</i>	17	Parque Alto Estrada	7º ens. fund.	<i>cigarro; álcool; maconha; crack.</i>
Jason Rim <i>Entrevista concedida ao autor no dia 28 de junho de 2012</i>	17	Jardim Atlanta	8º ens. fund.	<i>maconha; crack.</i>

Elaborado por Gomes (2013).

A sistematização dos dados atende a uma adaptação da metodologia que vem sendo elaborada através de outras pesquisas do

Grupo de Estudos Territoriais, denominada 'Evocação'. Para sua definição existem três questões chaves: I) baseada nas concepções de análise de conteúdo de Bardin (1977), a evocação não toma o significado estrutural de um discurso, antes considera que num discurso existem diversas evocações, como momentos semânticos da fala de um sujeito; II) cada evocação pode e/ou está sempre situada em uma determinada espacialidade. Assim, a partir das evocações é possível produzir um 'mapa', criar um 'diagrama evocativo' das espacialidades vivenciadas pelos sujeitos entrevistados; III) através de um Banco de Dados é possível potencializar a sistematização dos dados, dando a possibilidade de organizar as espacialidades presentes e delimitar as evocações a respeito de cada espacialidade, estipulando através do número de evocação o que é central e o que é periférico na vida cotidiana dos sujeitos.

Os sujeitos vivenciam diferentes espacialidades, através das quais vivenciam e elaboram discursos sobre si e sobre os lugares. Mas, além disso, uma espacialidade é composta por uma multiplicidade de inter-relações sempre em construção (MASSEY, 2008) e através das construções discursivas dos sujeitos é possível estipular alguns componentes presentes em cada relação do sujeito com a espacialidade vivenciada.

Tudo é coextensivo a tudo! Com este aforismo Deleuze e Guattari (1995a) introjectam os platôs, como placas, ou como escalas co-presentes. Os autores, utilizando-se das concepções de Gregory

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Bateson, afirmam que a palavra 'platô' serve para designar "uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior" (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 31). O platô para os autores denomina toda multiplicidade conectável. Dessa forma a 'rua' e a 'casa' como platôs são 'individações' (DELEUZE, 1993) de um tipo de 'zona de intensidade contínua', são campos de relações entre forças que se batem e rebatem compondo uma contiguidade.

Platôs não são coisas nem o lugar das coisas, mas a disposição relacional e múltipla de um 'acontecimento', onde o duplo sujeito/espço se confunde, ou melhor, não existem separadamente. Os 'acontecimentos' podem ser compreendidos pela natureza 'gerundial' do espaço proposto por Massey (2008), como algo sempre em construção, se repetindo ou alterando, num devir, aberto a múltiplas conexões, como de platô a platô.

Massey (2008), opondo-se as noções teóricas que projetam o duplo local/global e lugar/espço como respectivamente concreto/abstrato, diz: "se o espaço deve, realmente, ser pensado relacionalmente, então ele não é mais do que a soma de nossas relações e interconexões e ausência delas; ele também é, absolutamente, concreto" (2008, p. 260). Para a autora o espaço possui essa concretude, mas não se comporta como estase, ao contrário, é composto por uma 'constelação de trajetórias' e uma simultaneidade de 'estórias-até-agora'. Termos como 'trajetória' e 'estória' são usadas por Doreen Massey, justamente para sublinhar a potencialidade de mudança de um lugar. Nesse espaço aberto interacional "há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar [...] em relações que podem ou não ser realizadas" (MASSEY, 2008, p.32).

Sobre esse caráter aberto e/ou fechado do espaço a autora se posiciona de maneira crítica. A abertura/fechamento sobre o espaço não deveria ser colocado em termos abstratos, mas em termos das relações sociais através das quais as aberturas e os fechamentos dos espaços são construídos, sob as sempre móveis geometrias de poder de espaço-tempo. Nessas linhas se inserem as novas políticas da espacialidade, propostas por Massey (2008).

O conceito de *assemblage* presente em Anderson *et al.* (2012) em seu artigo *On assemblages and geography*, traz algumas contribuições do conceito para a Geografia. De maneira geral, *assemblage*⁵ pode ser considerado um conjunto de relações sem fundar um todo; uma composição temporária, modelada através de sua realização, montada como acontecimento. Contudo, *assemblage* opera não apenas como um conceito objetivo de compreender como um conjunto de relações surge, mas possui um *ethos* político para pensar as relações entre a continuidade e a transformação de uma espacialidade. A chave central do conceito de *assemblage*, segundo Anderson *et al.* (2012) está em compreender como os agenciamentos elaborados ao acaso excedem aos aspectos 'determinísticos' de uma espacialidade. Lembrar a incerteza nos agenciamentos de uma *assemblage*, através das práticas cotidianas espaciais, é ressaltar o potencial para ser de outra forma. Greenhough (2012), em seu artigo *On the agencement of the academic geographer*, faz uma inserção com o conceito de agenciamento, como possibilidade de descrever diferentes agentes e suas conexões, compreendendo assim suas capacidades e recursos de ação.

Para Anderson *et al.* (2012) utilizar-se do conceito de *assemblage* é atentar para os componentes e os tipos de relações que compõe uma formação socioespacial provisória, relações que se diferem entre as

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

capazes de dar continuidade/estabilidade à uma disposição espacial e as que produzem abertura/mudança.

As espacialidades dos jovens do sexo masculino envolvidos com as drogas

As espacialidades categorizadas a seguir estão longe de ser a catalogação topográfica das ações dos meninos entrevistados, mas devem ser lidas atendendo a linearidade construída entre platô, espaço e *assemblage*. Ainda sim, esses elementos serão eventualmente evocados conforme serão trabalhadas as espacialidades mais evocadas.

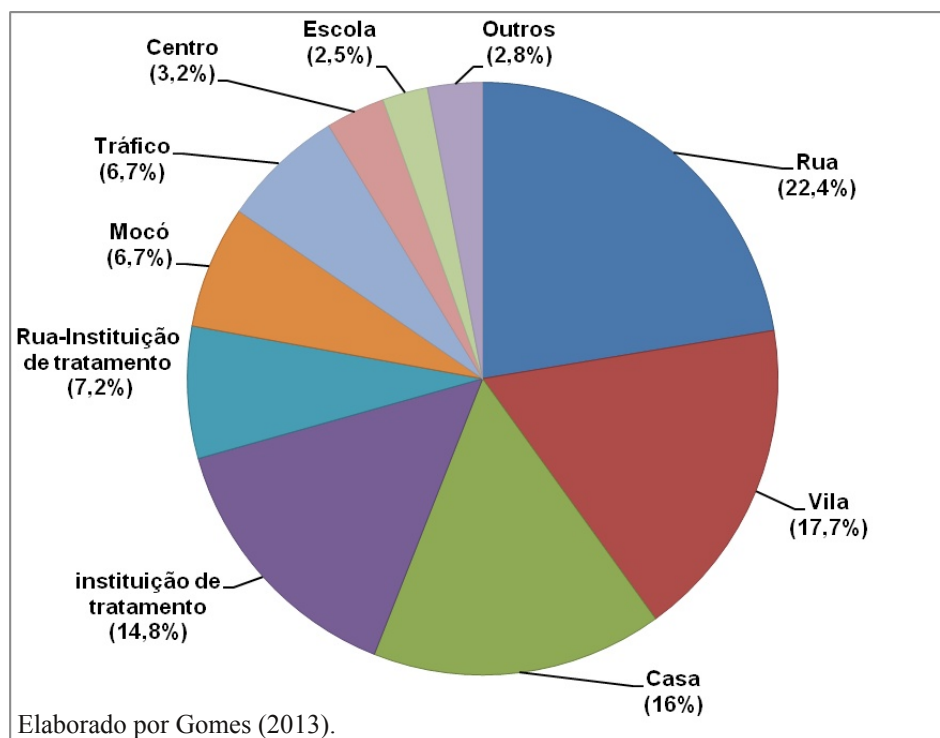
Dessa forma, foram categorizadas ao todo 402 evocações e suas espacialidades foram organizadas da seguinte forma:

A seguir serão trabalhadas as espacialidades mais frequentes nas evocações. Contudo, para ater-se as questões centrais da pesquisa, as espacialidades 'instituição de tratamento' e a 'rua-instituição

de tratamento', respectivamente quarta e quinta evocações mais frequentes, não serão analisadas de maneira específica. 'Instituição de tratamento' são evocações referentes à Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro e 'rua-instituição de tratamento' representa aquelas em que os meninos re-significam a rua, posicionados dentro da comunidade terapêutica. É a rua, mas não sem a intersecção com a instituição de tratamento.

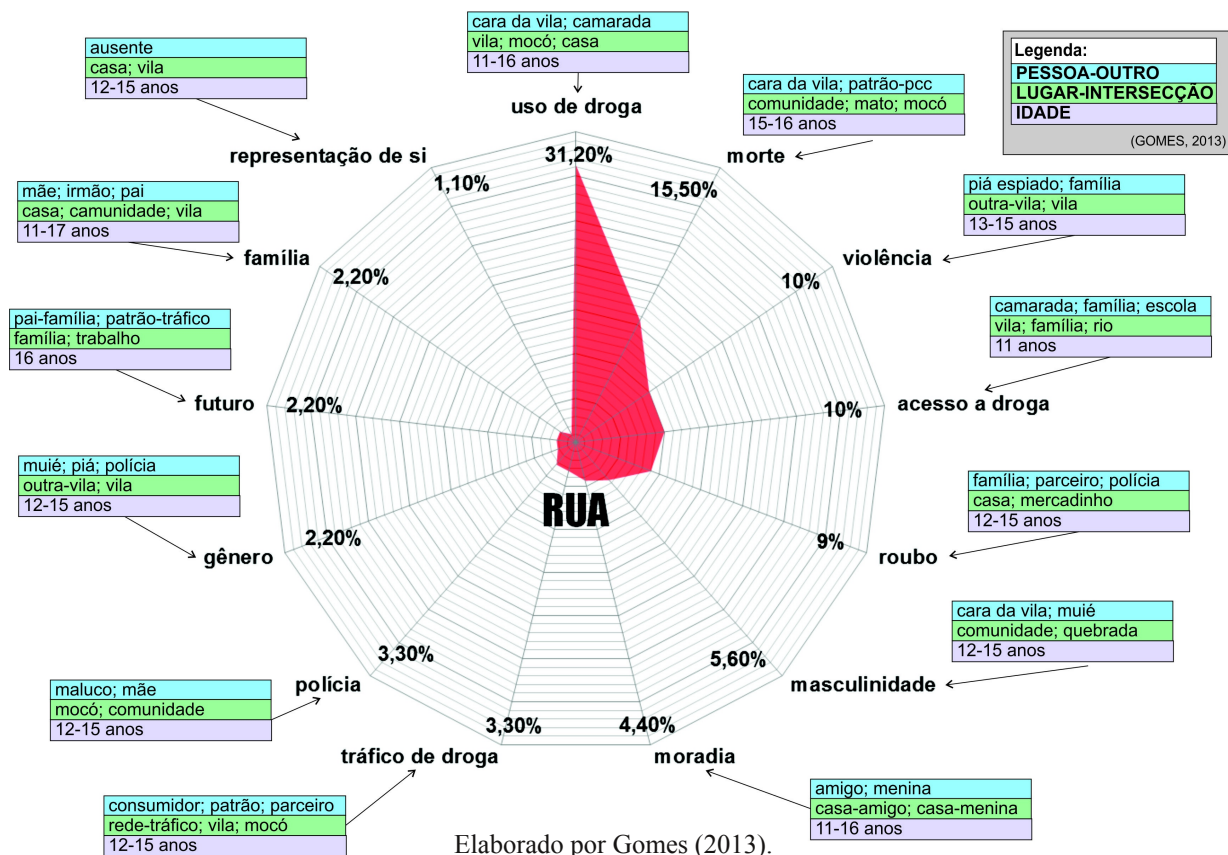
Durante o texto, para designar a espacialidade construída na pesquisa será utilizado, por exemplo, 'rua' e não somente rua. Esse uso permitirá a distinção entre a rua que nós imaginamos estar lá, com nome e CEP e a 'rua' como um conjunto provisório de linhas de múltiplas intensidades e agenciamentos. Tomado isso, a 'Rua' (22,4%) aparece como a espacialidade mais evocada nos discursos dos meninos entrevistados. Sobre ela organizadas as seguintes evocações:

Gráfico 1 – Espacialidades Vivenciadas pelos Adolescentes Entrevistados da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.



'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Figura 1 – Diagrama da Rua.



A espacialidade da ‘rua’ está mais frequentemente vinculada ao ‘uso de droga’, seguido de experiências com a ‘morte’ e práticas de ‘violência’. Ela está presente na construção discursiva dos meninos usuários de crack, expressando movimento e transitoriedade; aberta a diferentes agenciamentos; ações em devir de encontros casuais; lugar de eventualidade de encontros e desencontros. Mas também a ‘rua’ se comporta como um duplo de sujeição-espaco, lugar de repetição, de normas condutoras, dos saberes, da conexão entre modos de dizer e se fazer entender, dos modos de fazer e se fazer sujeito 'homem' como os 'outros homens'.

Uma espacialidade distante de fundamentos da sociedade como a família, a casa ou a escola. Lugar de práticas ilícitas como o roubo e o uso e venda de drogas, as

quais contribuem para a sociabilidade desses jovens, criando alianças e instituindo os ‘camaradas’. Também nessa composição escalar estão presentes as expressões de masculinidades de periferias pobres, através de práticas de encontro com as ‘muiés’ e conflitos com outros meninos.

É na ‘rua’ onde eles fazem ‘uso de drogas’, como bebidas alcoólicas, maconha, cocaína e crack e esse tipo de prática agenciada à espacialidade da ‘rua’ têm relação próxima com a ‘violência’ e a ‘morte’, devido a uma série de elementos presentes no mercado informal da droga, que cria dispositivos de cobranças vinculadas a essas práticas.

Como mostra na Figura 1, o ‘acesso a droga’, representando o primeiro uso e as práticas de inserção na droga, aparece como a

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

quarta evocação mais frequente e sobre ela estão tramadas inúmeras inter-relações, como o período de vida em que eles fazem o primeiro uso do crack. Severino Espiado diz que “a primeira vez cara, eu tava com onze, eu tava quase completando já, foi com doze”, que considerando os recortes etários formais, aconteceu ainda no período da infância, ou seja, com idade inferior a doze anos.

Outro elemento são as pessoas presentes nesse encontro da criança-adolescente à droga, como é o caso dos ‘camaradas’ e suas práticas de entretenimento e a ‘família’ representando uma dificuldade na qual a droga veio a ser uma linha de fuga:

cara, tipo assim, tem uns camarada que falam: ói, a minha mãe se eu tivesse ela olhe cara não ia fazer isso e não sei o quê, tem muitos cara que é por causa da mãe morta né, tem uns aí, uns dois cara que eu conheço, foi por causa da mãe [Por causa da mãe?] Perdeu a mãe e...É tipo assim, cabeça né cara (Severino Espiado).

A rua pode ser vivenciada de diferentes maneiras e, ao afirmar que ela é um lugar de movimento, não quero dizer deslocamento ou caminho de passagem de um lugar para o outro. O movimento da espacialidade em questão acontece como um ritmo rizomático, no sentido simples de rizoma, como um ‘sistema aberto’ (DELEUZE, 1992), uma espacialidade que se funda na interação casual, repudiando causalidades lineares.

Sobre a rua há um tipo de noção hegemônica clássica de que ela representaria uma linha conectora entre pontos transcendentais da cidade, como o ‘lar’, a ‘escola’, a ‘biblioteca’, a ‘igreja’, todos estes espaços disciplinadores (FOUCAULT, 2003), mas, além disso, são espaços responsáveis por ‘des-territorializar’ as formas de

subjetividades flutuantes e agenciá-las, territorializando-as aos ditames transcendentais do Estado e por meio dele conduzir o indivíduo aos conceitos essencialistas de ‘família’, ‘verdade’, ‘conhecimento’ ou ‘liberdade’ (DELEUZE e GUATTARI, 1976).

Jovens, como afirma Bola Magrão, estabelecem alianças com um sujeito que eles denominam como ‘mendigo’, que já é caracterizado como um sujeito que não faz da rua somente um lugar de acesso aos espaços ideais da cidade. Na verdade, ser ‘mendigo’, pode-se dizer que já não seja uma forma de subjetividade ideal para uma cidade, expressando-se como um sujeito descodificado das noções de cidadania por exemplo.

Mesmo que estabeleçam esses laços e faça da rua uma moradia temporária, como mostra os 4,4% das evocações (Figura 1) é marcante a forma como esses jovens administram suas vidas, muitas vezes tensionando os papéis exercidos por outros sujeitos com a mesma idade. Através das práticas de ‘uso de drogas’ como a mais frequente na rua, esses meninos precisam se vincular a práticas como o roubo, formas de negociação de produtos, de administração da renda que consegue pelo ‘tráfico de droga’. O que fazem deles corpos que se aproximam de práticas caracterizadas geralmente na fase adulta. Como afirma Pain (2001), as pessoas podem “ativamente criar e resistir às identidades etárias através do uso do espaço e lugar” (PAIN et al., 2001, p.151 *apud* HOPKINS, 2011, p.197), como demonstra essa fala sobre os ‘corres’⁶ para o uso e compra:

Daí eu comecei a fazer meus corre sozinho, comecei eu mesmo a vender minhas coisa, eu mesmo fazer meus corre; E daí um tempo depois nós brigamos com esse piação, porque ele falava: é você não vai mais lá em

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

casa; Ir na tua casa o que cara, ir na tua casa pra ter que rachar a cena ali, as pedra tá ligado; [...] fumava sozinho mesmo, eu tinha cachimbo pra tudo quanto era parte; Cada mato que não tinha dono assim, tinha um cachimbo mocado; [Você fumava na rua ou escodido?] Na rua, no mato (Bola Magrão).

Através da administração de uma boa quantia de dinheiro, da decisão e dos excessos nos gastos e combinando com essas expressões de masculinidade administradora e dos excessos, está também o desejo, na pessoa da 'muié':

[Dava muito dinheiro?] Dava, só que também gastava tudo [Gastava com o que?] Ih gastava com tudo cara, só de vender tudo as pedra já entrava ali Zero, no Fórum e gastava tudo, com gole e curtição com as muié [Qual foi a venda de dinheiro maior que você ficou na mão?] Foi mil e duzentos por aí [Mas era teu?] Meu, mil e duzentos e dois revolve (Palhaço Zóio).

Assim como o uso de drogas vincula esses meninos a práticas que tensionam aspectos de idade, de uso da rua e de vínculos sociais, essa prática também os aproxima de elementos de 'violência'. Essa 'violência' de maneira geral é ligada tanto as práticas econômicas da droga como a própria combinação da masculinidade marginalizada com o efeito da droga.

Entre os usuários de crack é presente o termo "espiado", que designa a condição do efeito do crack, juntamente com as relações sociais estabelecidas nas práticas de uso da droga. Essa condição foi performada por Palhaço Zóio no momento da entrevista e consiste na circunstância em que o batimento

cardíaco acelera, a pupila dilata, os olhos ficam bem abertos, os ombros se frizam, tudo parece suspeito, imagens aparecem e qualquer movimento é ameaçador. Muitos usuários se reúnem em terrenos baldios, matos, proximidade de arroios, rios, ou fazem uso da droga, sozinhos. Conflitos momentâneos são estabelecidos nessas ocasiões, trajetórias 'espiadas' na busca de mais entorpecente são responsáveis por violências eventuais, de agressão e ameaça.

Esses elementos constituem o que podemos denominar de 'espacialidade espiada', uma trajetória-condição sob efeito da droga que os aproxima de brigas, como afirma Jason Rim: "tipo já briguei altas vezes por droga com os caras assim, mas tipo eu procurava ficar mais de lado entendeu, dos caras assim; Não curtia ficar junto, bem junto assim, se queima né cara".

A 'rua' também dá lugar as práticas de roubo, diretamente vinculada ao uso de droga, como demonstra Severino Espiado quando diz que "se eu não usasse eu ficava louco, cara eu roubava mesmo pra pegar dinheiro". Através de assalto à transeuntes da zona central da cidade ou de outras vilas. Roubos de estabelecimentos de comércio como pequenos mercados da vila de moradia e furtos de residências da própria vila e casa de familiares

O par relacional meninos-rua está repleto de elementos e combinações que possibilitam a relação dos jovens do sexo masculino, morador de periferia pobre, usuário de crack com a morte por homicídio. Quando citamos as 'brigas' é preciso lembrar que, na maioria das vezes, elas não acontecem pela via da agressão, mas no uso de armas, faca ou arma de fogo, como conta Jason Rim: "eu vendia umas pedra pra esse cara lá, o cara que me deu um tiro".

Um conceito que podemos aproximar dessa espacialidade é o de 'parresía' trabalhado por Michel Foucault (2011). O

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

filósofo francês ao analisar formas de dizer-a-verdade nas sociedades greco-romanas clássicas identifica na *parresía* cínica uma forma de coragem da verdade. Um 'parresiasta' é aquele deslocado, de linguagem áspera, de ataques verbais virulentos, preleções violentas. A *parresía*, como comenta Portocarrero (2011, p. 427), é uma "atitude de franqueza e não de persuasão; de verdade e não de falsidade; [...] de crítica ou julgamento de alguém mais poderoso e não de lisonja" e, sobretudo uma atitude de coragem e risco de vida, como exemplifica Foucault (2011) ao analisar as últimas palavras de Sócrates. Todas essas características estão presentes nos entrevistados.

Os meninos participam da espacialidade das drogas, compõem 'espacialidades espiadas' e expressam-se através de uma masculinidade agressiva, onde as formas de dizer-a-verdade acontecem por meio da prova e da disputa de coragem. Lembrando as noções de espaço performático (ROSE, 1999), o sujeito é composto somente na interação, não de essências, mas de *performances*. Para Rose (1999), podemos compreender o espaço na tríade desejo, fantasia e corpo.

Através das relações socioespaciais se instituem os sujeitos simultaneamente ao discurso e suas normas regulatórias presentes na sociedade, mas, além disso, há o 'desejo', não de ser o outro, mas de ser frente ao outro e a 'fantasia' pode ser caracterizada como a *mise-en-scène* do desejo, espaço fantasia onde o desejo é colocado em cena, arranjado e disposto espacialmente. Teremos então um espaço corporalizado não sob as formas sólidas, com limites e fixidez, com atributos e finalidades de si e dos outros.

É no corpo "que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam" (LOURO, 1999, p. 83) e se há transgressão é porque a imanência dos acontecimentos no mundo é para a diferença (DELEUZE, 2000). Dessa forma, as

regras que codificam, as normas que regulam, os saberes que 'transcendem' são realizados por meio de práticas repetitivas de poderes disciplinadores e normalizadores como afirma Michel Foucault (1987) e em suas discussões sobre 'biopoder' (ibid, 1988), 'governamentabilidade' (2008a) e 'dispositivo' (1988). Mas Foucault (1988) também lembra que o poder, antes de ser repressivo, é produtivo, "as relações de poder emanam de um mundo de forças em afrontamento, de contrastes e quiçá de combate entre campos de intensidade diferentes" (BRANCO, 2011, p. 139), ele está aqui e acolá, em cima e embaixo.

Tomado isso, exemplifico com as falas de Severino Espiado, os agenciamentos, por meio da droga, que os meninos realizam no desejo de ser mediante o outro, performando assim a forma de subjetividade em questão:

eu passei assim tinha uns cara sentado lá no Boa Vista lá, atravessando a linha, cheguei, perguntei: qual que é a dos negócio aí? Eles viram que eu tava com bicicleta, roupa assim, celular, dinheiro. Não, é bom cara, quer fumar? (Severino Espiado).

Cada espacialidade possui um ritmo e intensidade diferente nas relações estabelecidas por esses sujeitos. O espaço tanto é performático que o simples deslocamento dos meninos para uma instituição de tratamento demanda novas interações e comportamentos. Atributos de violência, agressividade e descaso à vida de outrem são frequentemente conferidas como desvios psicológicos por outros campos do saber como a psiquiatria.

Isso não quer dizer que os meninos em tratamentos do crack não dêem continuidade a algumas práticas de violência frequentes na rua. Contudo, o simples fato de acrescentarem novos discursos e novas práticas, demonstra

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

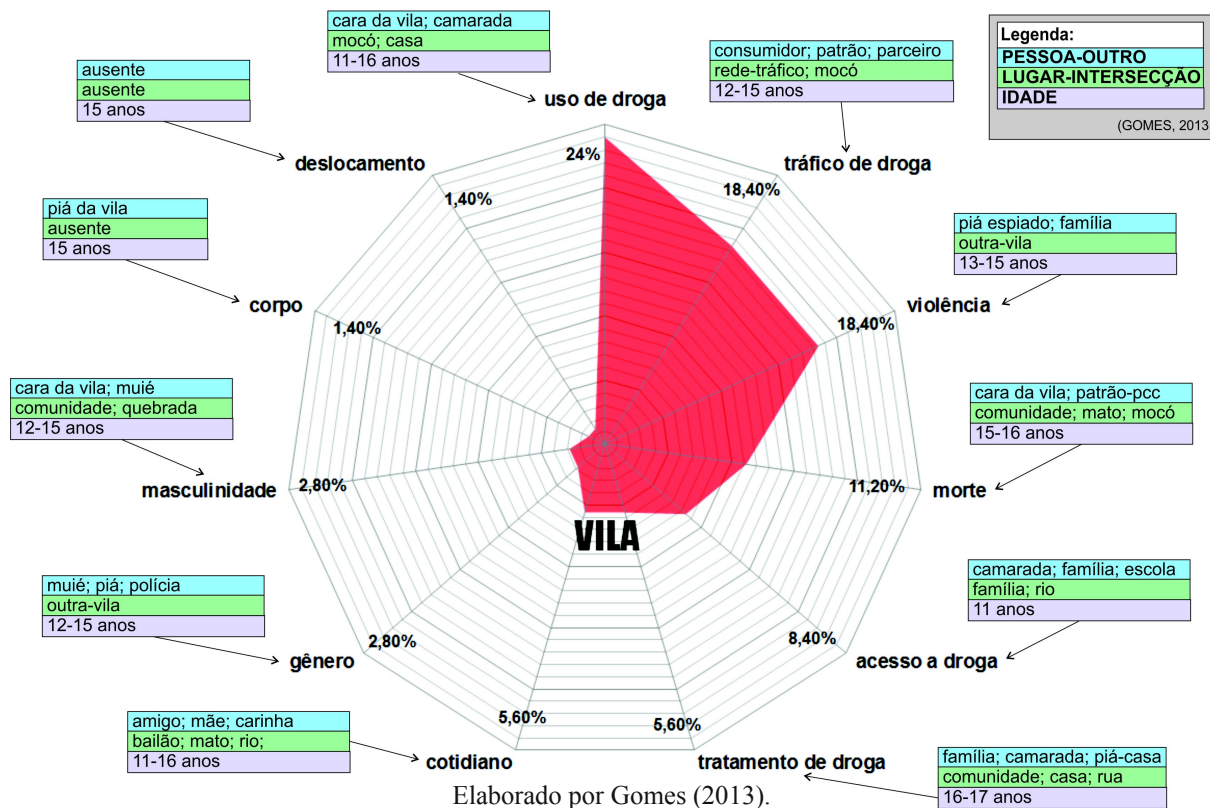
que há um jogo. Uma nova disposição espacial demanda e emana novas relações de poder, e assim segue continuamente ao receber novos elementos *outsiders* da *assemblage* vivenciada.

A aproximação do conceito de *parresía* e as práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia e usuários de drogas, foi tomada afim de analogias e complexificação do cotidiano desses sujeitos. Contudo, é necessário esclarecer que a conceituação dos meninos como seres *parresíastas* não se fecha se considerada toda a discussão que Foucault (2011) elabora. Um ato *parresíastico* se faz, sobretudo, como um ato político, um governo autônomo de si, uma prática ética-estética de resistência as formas de sujeição presentes na sociedade. Sob a ótica da morte e da coragem perante a morte, pode-se argumentar que esses jovens subvertem uma forma obediente e cidadã de ser no mundo, matando e vivendo uma 'vida

loca'. Contudo, se assim o fazem, não é pela via do governo autônomo de si. O que erroneamente pode ser considerado como uma vida *parresíasta* é antes uma expressão de sujeição e continuidade das práticas que os rodeiam. Ressaltar essas questões impossibilita críticas que afirmam que a insujeição e a não continuidade dos valores essenciais da nossa sociedade é responsável por criar sujeitos 'bárbaros'.

A 'vila' é a conceituação da relação entre a 'casa' e a 'rua'. Isso não quer dizer que de imediato o termo 'vila' esteja situado em aportes teóricos entre espaço privado e espaço público, apenas que nela estão presentes elementos da 'rua' e da 'casa'. Antes de ancorar a 'vila' ao bairro, como propõe Mayol (1996), a rua ao espaço público e a casa ao espaço privado, mais pertinente é afixar as singularidades propostas em cada *assemblage*. Na 'vila' estão presentes as seguintes evocações:

Figura 2 - Diagrama da Vila.



'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

O tráfico de substâncias ilícitas nas cidades brasileiras apresenta um comportamento reticular, conectando fluxos econômicos de diferentes locais do país e fora dele. Entretanto, é em zonas pobres do espaço urbano que predomina o estabelecimento da territorialidade do tráfico, um território descontínuo (SOUZA, 2000) ou território rede (HAESBAERT, 2006). Os bairros, vilas e favelas com grupos de baixa renda abrigam os agentes locais de distribuição e venda das drogas.

Na espacialidade da 'vila' está bastante presente o tráfico de drogas, pois ambos apresentam uma relativa fixidez nos agenciamentos elaborados, corroborando para uma continuidade de práxis. O tráfico apresenta comportamentos relativamente bem determinados, por meio das formas de venda e distribuição que designam práticas e pessoas que confirmam o que deve ser feito para atender uma demanda econômica. Essas características coexistem à 'vila', lugar de práticas de negociação e contestação cotidiana das identidades constituintes.

Um dos componentes do tráfico é a 'boca', que são estabelecimentos com a função de receber a droga, distribuir e vendê-la. Frequentemente é usada também como local de consumo. As 'bocas' geralmente estão evocadas por meio da 'vila', como demonstram as falas a seguir:

Onde que eu moro é muito cara e fuga geográfica não adianta entendeu, porque onde você for você vai ter droga né cara, independente de onde você for. Se for lá nos cafundó do juda vai ter droga né cara. Então, eu acho que esse que é o verdadeiro tratamento que você tem que viver né cara (Ribeiro Loco).

Essa última citação torna-se marcante pela

explícita ordem geográfica, a qual está inserido o fenômeno das drogas. Ribeiro Loco ao se referir ao tratamento das drogas que vinha sendo submetido, descreve que seu local de moradia está cercado da presença da droga e quase em tom 'determinístico' afirma que é muito difícil se desvincular da espacialidade da droga, que consistem não só no uso, como nos 'corres', na venda, enfim naquilo que foi trabalhado no uso da droga na 'rua'.

A droga parece ser um elemento onipresente nas trajetórias interseccionadas na 'vila'. A profundidade de um agenciamento bem coeso, como a desses meninos com a droga, se expressa pela temporalidade, como exemplifica a evocação de Ribeiro Loco ao rememorar sua infância: "eu vim morar com 4 entendeu, lá, mas eu já via, eu cresci no meio assim, tinha os cara que apavoravam e tal".

Contudo, quero chamar a atenção para a profundidade espacial desse agenciamento. Lembrando as premissas levantadas sobre cada espacialidade aqui trabalhadas, estamos falando de assemblages, ou seja, diagramas de relações de forças, com múltiplas trajetórias e histórias-até-aqui. Visto que os agenciamentos compreendem um categorial de acaso, como Massey (2008) afirma, referente às políticas sobre os lugares, é necessário negociações constantes para a continuidade de uma trajetória.

Um sujeito é composto em atos relacionais e interações de performances, como lembra Rose (1999). É ele uma intersecção de diferentes trajetórias identitárias. Dessa forma a 'profundidade espacial' responsável por dar continuidade no agenciamento dos meninos com a droga, se faz por meio da excessiva presença da mesma no cotidiano desses jovens. Essa demasiada presença mediante o desejo do sujeito ser frente ao outro (ROSE, 1999) produz formas de subjetividade em conformidade com os ditames da

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

territorialidade do tráfico.

A 'vila' é a espacialidade onde coabitam evocações sobre o 'tráfico de droga' e de local de moradia, ilustrado na fala de Ribeiro Loco: "ali onde eu moro assim, nossa, é bem cabuloso, droga, droga, droga mesmo". O 'lugar' de moradia nessas evocações estabelece um vínculo não através de um "pertencimento visceral, mas através da prática do lugar, da negociação das trajetórias que se intersectam, lugar como uma arena onde a negociação nos é imposta" (MASSEY, 2008, p. 220).

As intersecções de trajetórias constantemente negociadas de maneira paradoxal se comportam também como um grupo identitário bem coerente. Isso ocorre quando se extrapolam os limites dessa *assemblage* e a conectamos com outras, como nas frequentes evocações de conflitos com outras vilas. A terceira evocação mais frequente na 'vila' é a 'violência', que se distribui nas evocações sobre o 'tráfico de drogas' que está trabalhado mais de perto na espacialidade do 'tráfico' e de maneira especial a violência na 'vila' toma forma através desses conflitos entre outras vilas. Rossi (2011), trabalhando os conflitos entre territorialidades urbanas, posiciona a espacialidade da 'vila' como um elemento interseccional na composição das formas identitárias de masculinidades marginalizadas, como demonstra a fala a seguir:

Ah trocar tiro com os cara, nós vinha na vila dos cara dar tiro depois o carinho lá já vinha dar tiro [Qual que era a vila que dava mais problema?] Tinha parque, tinha um monte de vila, uns cara do Mezomo, daí depois os cara tava andando com nós (Palhaço Zóio).

Confirmando os trabalhos de Chimin Junior (2009) e Rossi (2010), a área central da

cidade se organiza como zona de encontro para o entretenimento e busca de serviços urbanos ausentes na vila e palco de atos infracionais como os 'corres', que se definem geralmente como assaltos de transeuntes das ruas centrais da cidade. Além de ser o lugar de conflitos entre diferentes territorialidades de jovens do sexo masculino, a 'vila', expressa o vínculo dos sujeitos à memória das práticas espaciais de 'corres', por meio de furtos na casa de vizinhos e familiares. E dos conhecidos da rua, evocados como os 'os caras lá da vila', que frequentemente são evocados interseccionados a práticas de violência, como conta Ribeiro Loco, sobre a estória de um 'cara lá da vila':

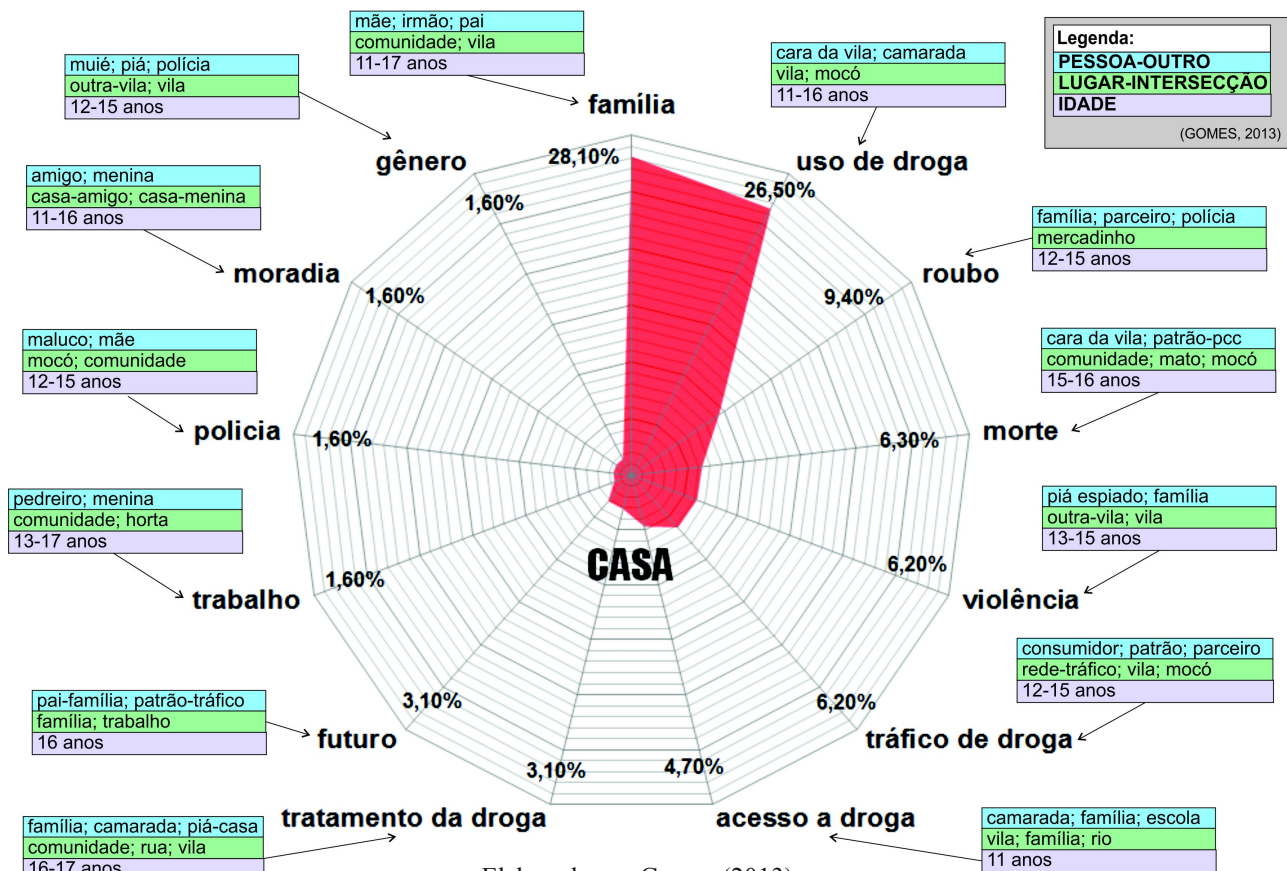
Teve um cara que hoje... Hoje ele ta na Igreja e tal, até desde quando eu saí e tal. Ele já levou 17 facada e não morreu cara, sério mesmo. Ainda ele levou 17 facada assim na valeta, caído na valeta. Ele levou 17 facada do cara, ele levantou assim e o cara chegou e deu um chutão na cara dele ainda, pow. O cara caiu assim, doidera mesmo. Daí ele... Pá, não morreu ta ligado (Ribeiro Loco).

Por meio desse espaço paradoxal (ROSE, 1993) e performático (ROSE, 1999) os meninos jovens, moradores de áreas periféricas pobres da cidade, interagem com esse platô das geometrias do poder. A vila se expressa como "uma miríade de práticas de negociações e contestações cotidianas, práticas, além do mais, através das quais as 'identidades' constituintes são, também, elas mesmas, continuamente moldadas" (MASSEY, 2008, p. 219).

A 'casa' é a espacialidade das evocações sobre 'família', 'uso de droga', 'roubo', da 'morte' e 'violência'. Esses elementos estão dispostos de maneira inter-relacional, por exemplo, na 'família' estão interseccionados aspectos de 'drogas' e 'violência'. O platô da

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Figura 3 – Diagrama da Casa.



o caso da casa está organizado com o objetivo de frisar a linearidade de família-droga-violência, singularidade esta pouco presente nos moldes da família ideal – hétero, branca, trabalhadora. A própria ‘família’ presente nas evocações destoa do padrão nuclear patriarcal.

As figuras do cunhado e do padrasto como aqueles que adentram no ambiente consanguíneo, estão bem presentes na espacialidade da ‘casa’, o que posiciona a noção de família mais próxima do 'rizoma' que da 'árvore-raiz' genealógica.

A família hegemônica brasileira evoca sempre aspectos de ‘raiz’, através dos seus eixos de ancestralidade, por meio de sobrenomes e seus renomes, sublinhando as linhas de descendências étnicas e ressaltando

as ascendências sociais. Vê-se na espacialidade da ‘casa’, um sistema aberto com múltiplos fatores, como um ‘rizoma’. Pouquíssimas vezes foram evocadas figuras como ‘vô’ e ‘vó’, ou seus sobrenomes e descendentes, na verdade suas evocações sobre família iniciam na ‘vila’ e na ‘casa’ onde os meninos moram. Diferentes atores, como o cunhado e padrasto vão entrando conforme eles vão vivendo a ‘família’. Os papéis e funções das figuras base de uma família são sempre subvertidas, como jovens que são criados pela irmã, padrasto, ou vivem na rua.

Nas entrevistas temos casos extremos como de Severino Espiado que morou um bom tempo na rua, tensionando as noções de moradia. Como também temos um menino

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

entrevistado que afirmou morar numa casa com o pai a mãe e seus irmãos. E de imediato supomos que isso traria um distanciamento das drogas ou da violência. Ao contrário, o mesmo menino, no caso o Palhaço Zoio, quem afirmou isso, também foi responsável por explicitar a presença de uma espacialidade a qual categorizei como 'mocó'.

Mesmo que figuras como da mãe, ou menos frequente, de um irmão-irmã, se expressem para os meninos como um elemento tensionador da sua relação com as drogas, estas ainda são evocadas de maneira frequente na espacialidade da 'casa' e interseccionada com a 'família', como mostram as evocações a seguir:

Só que daí chegou uma mão que ela tinha pegado acho que cigarro e tal, meu na mochila assim daí eu apanhei, nossa apanhei na boca assim com chinelo tá ligado, foi bem paia só que tipo assim, depois que tinha acontecido não precisava mais bater né cara, já era. Daí foi uma revolta maior né, falei: é que... E tipo minha mãe não tinha muito o que falar porque ela usava álcool dentro de casa, meu padrasto também e tal. Bebiam e brigavam e tal tá ligado (Ribeiro Loco).

A 'casa' é a espacialidade onde expressa a presença 'família', mas equívoco seria relacioná-la ao conceito de Família, com 'F' maiúsculo, hegemônica. A Família como discurso entre outros presentes na sociedade, nos moldes que Foucault (2003) evoca, "são efetivamente acontecimentos, os discursos têm uma materialidade" (2003, p. 141), eles são normas regulatórias, como Butler (2000) propõe nas discussões sobre gênero, que se manifesta como uma espécie de poder produtivo, ao demarcar e diferenciar, e com decorrer do tempo atinge sua materialidade. Sobre isso autores como Chimin Junior

(2009) e Lima (2009), ao trabalhar com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, demonstram as incongruências deste para com outras formas, que não ideais, de subjetividade. Segundo Lima (2009), o ECA serve como:

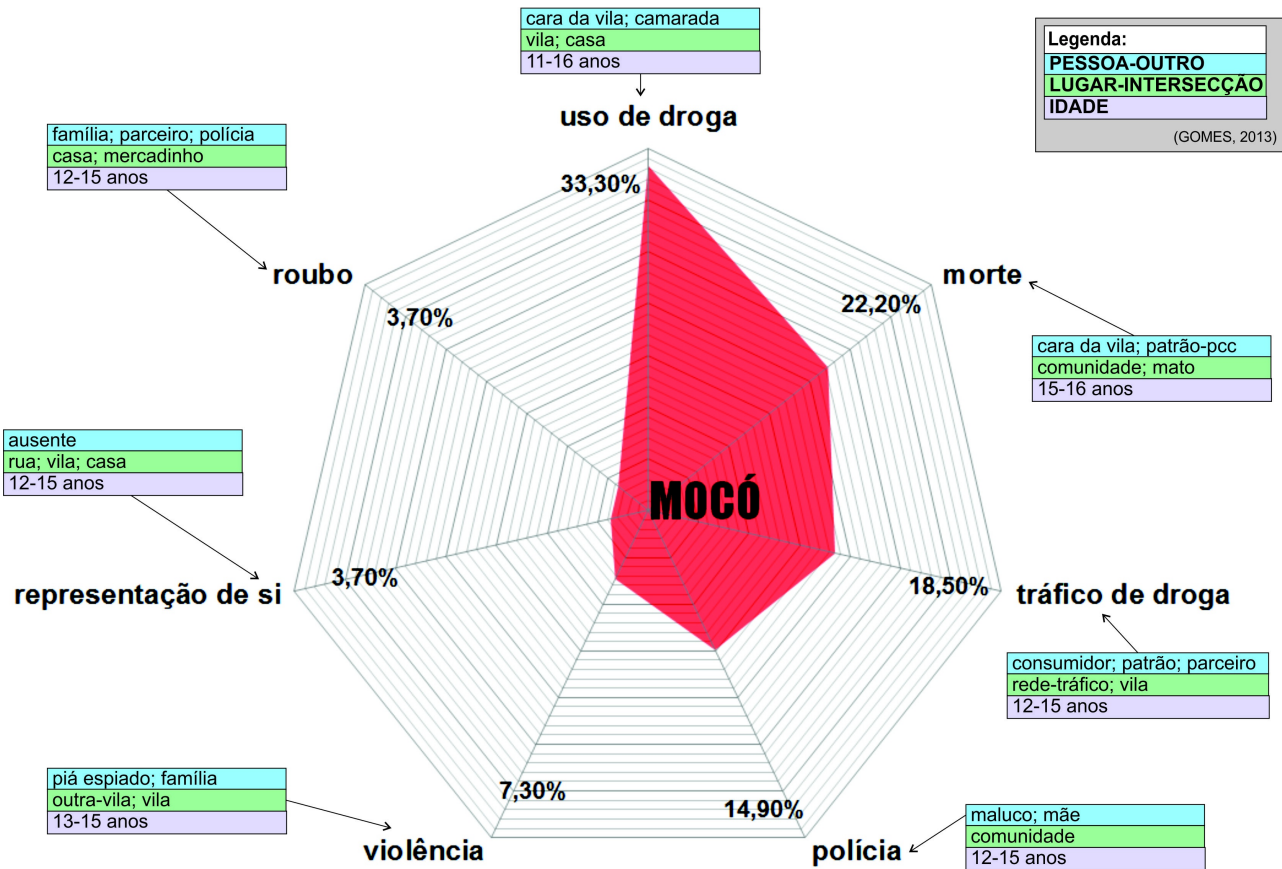
modelo de vida e ponto de referência a ser almejado pelos adolescentes excluídos, insubmissos e brutalizados. Supõe-se que os jovens infratores que, por hora, estão do lado do crime e, por isso, constituem objetos para a produção de saber e relações de poder, possam, em breve, ser resgatados, ressocializados e reumanizados (LIMA, 2009, p. 21).

De maneira que, como demonstra Chimin Junior (2009), a Família ideal, que não a 'família' como singularidade expressa na espacialidade da 'casa', também está presente nesse discurso oficial (ECA), usado para legitimar uma prática judicial que responda aos ditames de um Estado capitalista. A forma que podemos pensar sobre a 'família' dessa espacialidade é na sua intersecção com as drogas, práticas violentas e atos infracionais.

A espacialidade do 'mocó' surgiu simultaneamente à sistematização das entrevistas. Na medida em que surgiam evocações onde estavam ausentes elementos da 'vila' e se aproximavam da 'rua', com uma diferença, ao invés da fluidez e os outros elementos já tratados, as evocações apresentavam um comportamento pontual, ou uma fixidez temporária. Dessa forma, o 'mocó' é um espaço reticular entre a 'rua' e a 'casa', interseccionando-se com a espacialidade do 'tráfico':

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Figura 4 – Diagrama do Mocó.



O termo *mocó*, utilizado para dar nome a essa espacialidade, é utilizado pelos entrevistados para significar uma residência, ou melhor, um barraco destinado a venda e uso de drogas na vila. A *assemblage* ‘*mocó*’ é um conjunto de intensidades, ou uma geometria de poder que estabelece negociações constantes com outros platôs. Na verdade, pode-se dizer que ele toma sua funcionalidade somente através do seu agenciamento com a territorialidade do tráfico de drogas. A própria evocação sobre ‘tráfico de droga’ aparece de maneira central, rodeada por figuras como ‘consumidor’ e ‘patrão’.

O ‘*mocó*’ é composto por relações de alianças, onde para participar de ‘cenas loucas’⁷ os meninos fazem uso de drogas e partilham suas práticas com seus ‘camaradas’. Existem três componentes interseccionais que

estabelecem uma trajetória singular na espacialidade do ‘*mocó*’: I) a conexão que o ‘*mocó*’ estabelece com a ‘casa’; II) a figura do ‘camarada’; III) o ‘*mocó*’ como um enunciado-visibilidade do tráfico de drogas na vila. Todos esses componentes se portam de maneira interseccional e coextensiva.

Sobre as duas primeiras características, Palhaço Zóio explica qual era o uso dos barracos:

os cara tinham alugado um barraco lá e daí morava eu o Baiano, o Furada, tudo lá no barraco assim sabe, eu só ia de dia né, eu dormia na casa da mãe né, mas nós ia de dia lá, nós tinha um trinta e oito, daí sumiu o trinta e oito ta ligado, só que era um cara que tava morando

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

com nós, só que nós fiquemo sabendo esses dias na rua, os cara foram atrás do cara, acharam o cara meio caído no mocó lá (Palhaço Zóio).

Utilizavam o recinto para o uso e venda de droga e partilha da 'moradia' com outros 'caras', no qual Palhaço Zóio caracteriza-os: "os cara pá que eu faço as correria, tão tudo preso, Baiano, o Jason, o Maringá, Codorna, os cara tão tudo preso e os cara são firmeza, só que os cara são louco né cara". Eis aonde essas formas de subjetividade presentes na espacialidade do 'mocó' estabelecem relações de cooperação e sociabilidade. Elevando os elementos de apoio dos 'camaradas' e ressaltando as tensões que estabelece com a 'família'.

Seguindo com as três características interseccionadas, além dessas sociabilidades estabelecidas pelos jovens, na espacialidade do 'mocó' temos o agenciamento com o tráfico de drogas o qual circundam a rede de relacionamentos e amizades dos meninos.

Não se pode deixar de lembrar que é a 'morte' a segunda evocação mais frequente no 'mocó' e nele estão presentes elementos de violência através das práticas de ameaças e morte elaboradas pela dinâmica de venda e cobrança do tráfico, como também por meio de conflitos entre os usuários, compondo 'espacialidades espiadas', como Bola Magrão descreve:

[E rola muita briga assim?] Rola um monte de briga. Os cara as vez, nós ia fumar na barraquinha, levava mulher lá, fumava na barraquinha umas 5 cabeça de repente nós só escutemo na entrada: Poww. [Entre eles mesmo?] Entre eles mesmo, eu tava de pé no canto, porque um fica lá esperando o cachimbo, daí o cara que tem o cachimbo quer o bingo e a pedra, daí só vai fumar né. Daí o

outro: é rache, rache, rache, daí eu: não vou rachar, vá fazer teu corre né, só fica aí esperando né, pedra na tua mão, daí eu olhei, se arrebetaram tudo na borduada, daí já fica espiado também... Aham, daí já fica espiado, daí tinha até muié do cara pro meio tá ligado, tipo ficava olhando...tipo, não queriam que ela fumasse né. [No Ouro Verde isso?] É isso é no Ouro-Verde lá. [Perto da sua casa?] Não, é longe um pouco, uma muié que junta reciclado lá, ela junta reciclado assim (Bola Magrão).

Outro elemento peculiar que aparece de maneira mais central dentre as espacialidade é a figura da 'polícia', na qual nessa espacialidade não está vinculada à proteção ou prevenção da ordem, ao contrário, está inter-relacionada à violência.

A espacialidade do 'tráfico' emergiu em meio a evocações que escorriam as categorizações de outras espacialidades. Mesmo que haja a evocação do 'tráfico de droga', algumas delas não continham trajetórias relacionais com níveis de intensidade ou agenciamentos semelhantes as espacialidades já elaboradas. Ou para melhor definir, surgia em meio as evocações um eixo de singularidade capaz de propor uma assemblage.

Eis que o platô 'tráfico' remete a uma espacialidade em si reticular; sem ancoragens locais muito delimitadas; agenciada aos fluxos econômicos da territorialidade descontínua do tráfico de drogas que atende diferentes escalas, desde relações internacionais de importação de substâncias ilegais até a comercialização local trabalhada na espacialidade da 'vila' e do 'mocó'.

Uma condição econômica tem a potencialidade de fazer surgir novas formas de subjetividade. Entretanto, me apropriado das críticas de Foucault (2003), que ressalta que

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

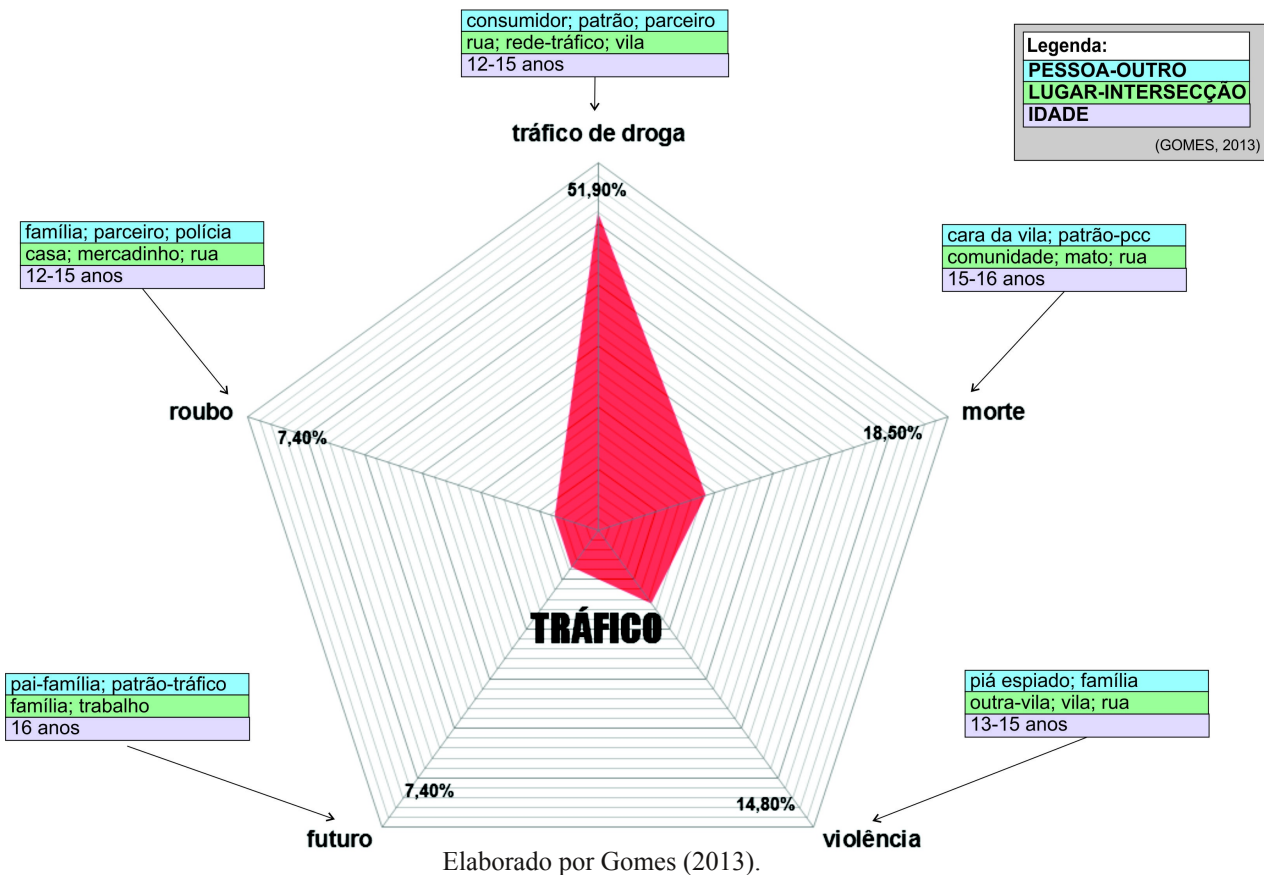
um dos defeitos graves do que ele denomina marxismo acadêmico é compreender que as condições econômicas de existência encontram na consciência dos homens o seu reflexo e expressão. Contrário a isso, Foucault (2003) afirma que um tipo de saber não se impõe, nem se imprime de maneira definitiva a ele, contudo, um domínio de saber faz aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas e novas formas de subjetividade.

O tráfico de drogas faz produzir formas e técnicas de comercialização e dispositivos econômicos. Através disso regula e disciplina determinado conjunto das relações de poder. Dessa forma o platô do 'tráfico' está agenciado a territorialidade do tráfico de drogas. Sobre essa espacialidade estão dispostas as seguintes evocações:

O diagrama expressa de maneira explícita o funcionamento da prática da espacialidade em questão. O 'tráfico de drogas' é permeado pela 'morte', através das práticas de cobranças e conflitos entre os territórios do tráfico. A 'violência' surge como um elemento de cobrança ou simplesmente conflito entre os corpos que compõem as formas de subjetividade presentes no 'tráfico'. O 'futuro' aparece na forma do agenciamento dos jovens do sexo masculino, moradores de periferia pobre, às práticas econômicas do tráfico de drogas. E o 'roubo' como uma prática de administração das finanças, atendendo as demandas do lucro do produto ilegal, de maneira geral, a maconha, cocaína e seus derivados.

Sobre essa espacialidade pode-se ressaltar duas continuidades/linearidades existentes: I)

Figura 5 – Diagrama do 'Tráfico'.



'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

entre as práticas do 'tráfico de droga', a 'morte' e 'violência'; II) e paradoxalmente o mesmo 'tráfico de droga' está agenciado ao 'futuro'. Os dois agenciamentos são inter-relacionados entre si, entre um jogo de serviço e recompensa singular à prática econômica do tráfico de drogas. Alguns dispositivos necessitam ser elaborados uma vez que se trata de um mercado não só informal como ilegal pelas linhas da lei do Estado democrático capitalista brasileiro.

Caracterizando-o ilegal, o tráfico se figura des-territorializado das formas-processos despóticos do Estado. Entretanto, como propõe Deleuze e Guattari (2005), des-territorializar é um ato criativo, simultaneamente territorializante sem, contudo, compor um espaço alheio, apenas um espaço-outro, mas ainda de certa forma conectado. Nesse caso, podemos afirmar que o tráfico de drogas está des-territorializado do Estado, mas permanece parcialmente conectado, pois ambos estão agenciados em práticas econômicas capitalistas.

As práticas econômicas do tráfico elaboram dispositivos econômicos singulares. Severino Espiado descreve alguns conselhos de como deve se portar um 'flanela', ou seja, um participante do tráfico. Podemos considerar esses conselhos como uma prática disciplinadora que dá continuidade a territorialidade do tráfico. Através de uma microfísica do poder, os poderes disciplinares vindos de baixo governam e conectam-se as demais estratificações do tráfico de drogas:

tipo assim eu nunca fiquei devendo pra ninguém cara, eu sabia, primeira coisa que o patrão meu falou é: oh, nunca fique devendo pra ninguém se ficar devendo pra alguém o cara vai te matar, se não matar você matam tua família, aí eu fui aprendendo, nunca fiquei devendo pra ninguém, pegava uma

ali e já pagava na hora (Severino Espiado).

Eis o poder disciplinador vindo debaixo, conduzindo trajetórias na espacialidade do 'tráfico' aqui trabalhado, sem deixar de estar conectado as políticas econômicas de outros estratos da territorialidade do tráfico.

As práticas de governo do tráfico agenciadas ao 'futuro', como afirmado anteriormente, apresentam um forte componente etário, como demonstram os relatos a seguir sobre a expectativa do que os entrevistados esperavam se tornar no futuro:

com quinze anos, eu era bem dizer o flanela que diziam, até esperar o povo eu cortava droga, ia e buscava, fui crescendo, aí os cara falaram: oh quando você tiver com uns dezoito o Comando Vermelho já tá pronto pra te aceitar, beleza, ali eu já fui crescendo, querendo ser mais (Severino Espiado).

Outro componente presente é a masculinidade, que se expressa através da conquista do respeito dos entrevistados mediante outras pessoas do sexo masculino. Essa conquista está ancorada nas relações de poder locais, por meio das práticas cotidianas, os meninos posicionam e vivenciam a centralidade ou a marginalidade nas relações de poder. A centralidade, na espacialidade do 'tráfico', está expressa no vínculo com o 'tráfico de droga' e nas práticas violentas entre os corpos masculinos e suas expressões de masculinidade agressiva.

A 'violência' e o 'tráfico de drogas' estão interseccionados através do arranjo das práticas de cobrança da economia local do tráfico, o qual demanda que quem participe dele esteja disposto a portar-se de maneira violenta.

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

Na espacialidade do 'tráfico' também está presente o roubo, afinal como afirma Severino Espiado: "roubava demais já pra não ficar devendo" e, como vemos anteriormente, nessa espacialidade ficar devendo não apresenta nenhum benefício, pelo contrário.

As práticas econômicas do tráfico ao reelaborar outros dispositivos de troca e cobrança não podem recorrer ao Estado para ampará-lo na etapa final da rede de 'mercado' de substância ilegal. O Estado é um agente conflitante na etapa final do tráfico de droga e a territorialidade descontínua deste situa-se de maneira quase integral nas zonas pobres das cidades brasileiras. Contudo, de maneira paradoxal, o Estado se expressa como um agente de negociação e continuidade nas etapas, digamos mais fluídas do tráfico, por meio de financiamento e incentivos ilegais da sua produção. Lembrando, é claro, que esse último caso acontece na face soberana corruptível do aparelho estatal, não deixando ainda de ser conflitante ao discurso jurídico legal, que podemos dizer ainda permanece, assim, a fim de justamente legitimar ações de controle e disciplina nas mesmas zonas pobres do espaço urbano. Zonas onde a 'polícia' figura 'violência' e 'tráfico' figura 'futuro'.

Considerações Finais

O artigo em questão foi organizado de maneira a delimitar um campo de práticas espaciais dos jovens do sexo masculino em tratamento do crack e moradores de vilas periféricas pobres da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Através da construção de categorias discursivas, foram organizadas diferentes espacialidades presentes no cotidiano desses sujeitos, juntamente com as evocações que compõem cada espacialidade. Cada um dos elementos evocados nas espacialidades foi analisado tomando as premissas do espaço performático (ROSE, 1999), de modo que

cada ação, pessoa, trajetória ressaltada aqui foi tomada de maneira relacional. Dessa forma, as espacialidades da 'rua', 'vila', 'casa', 'mocó' e 'tráfico' foram analisadas como uma 'constelação de trajetórias' (MASSEY, 2008), onde tanto o espaço, as evocações e os sujeitos tomam forma na relação.

Atos violentos devem ser compreendidos de maneira inter-relacionada a sua espacialidade, na medida em que toma forma em ação e sempre agenciada a múltiplos elementos cotidianos. Os jovens do sexo masculino performam atos violentos interseccionados em performances de masculinidade na vila onde moram, em meio às práticas econômicas do tráfico de drogas e interseccionados em uma rede de amizade. Esses elementos espaciais contribuem para que esses sujeitos façam parte de espacialidades violentas.

¹ A afirmação é válida até o período de levantamento de dados: 2º semestre de 2012.

² A pesquisa se adequa as definições presentes nas estatísticas elaboradas no Mapa da Violência de 2011, que segundo Waiselfisz (2011) estão amparadas na Organização Pan-americana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, que definem juventude como a faixa etária entre 15 e 24 anos.

³ Todas as entrevistas foram realizadas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.

⁴ Nomes fictícios foram adotados para guardar a identidade dos entrevistados.

⁵ Pode ser traduzido para o português como assembleia, montagem ou composição.

⁶ 'Corres': termo utilizado pelos jovens

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

entrevistados para designar trajetórias espaciais que se destinam a compra de drogas como maconha, cocaína e crack. Está sempre referenciada a práticas de furto e roubo, ou práticas alternativas a fim de buscar recursos para o uso ou quitação de dívidas de drogas.

⁷ Consiste na execução de roubos e assaltos, cobranças de dívidas, assassinatos, enfim de atitudes-limites.

Referências

- ANDERSON, Ben; KEARNES, Matthew. MCFARLANE, Colin. SWANTON, Dan. On Assemblages and geography. **SAGE - Dialogues in Human Geography**. Jul 10, p.171-189, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRANCO, Guilherme C. Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.137-148.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000, p.151-167.
- CHIMIN JUNIOR, Alides B. **O espaço como componente de vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **O anti-édipo**. Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- _____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'Água. 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Segurança, Território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.
- _____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- HOPKINS, Peter. Jovens, Masculinidades, religião e raça: novas geografias sociais. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 193 – 224.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

'Cenas Loucas': Assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa, Paraná

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAYOL, Pierre; GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

McDowell, Linda. **Redundant Masculinities? Employment change and white working class youth**. Oxford: Blackwell, 2003.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.19 - 42.

GREENHOUGH, Beth. On the agencement of the academic geographer. **SAGE - Dialogues in Human Geography**. Jul 10, p.202-206, 2012.

LIMA, Cezar Bueno de. **Jovens em conflito com a lei: Liberdade assistida e vidas interrompidas**. Londrina: EDUEL, 2009.

PORTOCARRERO, Vera. Os limites da vida: da biopolítica aos cuidados de si. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 419 - 430.

ROCHA, Heder Leandro. **"Espaço Espiado": O uso de crack como um elemento das espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa - PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

ROSE, Gillian. **Feminism e geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

_____. Performing Space. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Phillip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, p. 247 – 259. 1999.

ROSSI, Rodrigo. Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.) **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p.125-192.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomias e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.77-116.

VALENTINE, Gill. Boundary Crossings: transitions from childhood to adulthood. **Children's Geographies**, v. 1, p. 37 - 52, 2003.

Recebido em 13 de março de 2013.
Aceito em 14 de outubro de 2013.